

## A construção discursiva da pessoa idosa em livros didáticos

### The discursive construction of older people in didactic materials

Elaine Mateus<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

[mateus@uel.br](mailto:mateus@uel.br)

<http://orcid.org/0000-0001-7804-3180>

**Resumo:** Este artigo analisa a (in)visibilidade e (sub)representação de pessoas idosas por meio de textos/imagens publicados em livros didáticos no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2021 – Projetos Integradores, desenvolvidos para estudantes do ensino médio, da área Linguagens e suas Tecnologias. Inserido nos estudos críticos da linguagem e com base na teoria da representação de atores sociais (Leeuwen, 2008), foram analisadas quinze obras submetidas ao edital de convocação 03/2019 – CGPLI, publicado em 27 de novembro de 2019, e aprovadas na Portaria 41, de 14 de dezembro de 2020. A partir da análise da ocorrência de estratégias linguísticas de exclusão e inclusão e da presença/ausência de figuras humanas representativas da pessoa idosa, os resultados indicam (a) esses sujeitos posicionados à margem das experiências vividas pelos estudantes do ensino médio, e (b) a sustentação das mesmas relações de isolamento e de ausência de relevância social que esses indivíduos experimentam nas práticas cotidianas também fora dos espaços escolares. À exceção do material em que o envelhecimento e as pessoas idosas são tematizados, as obras reforçam representações desses indivíduos como o ‘outro’ distante, diferente, em conflito, cujo papel social mais evidente é o de recontar narrativas e garantir a presença do passado.

**Palavras-chave:** Etarismo; Material Didático, Estudos Críticos da Linguagem, Pessoa Idosa; Plano Nacional do Livro e do Material Didático.

**Abstract:** The aim of this article is to analyze the (in)visibility and (under)representation of elderlies by means of texts/images published on textbooks approved by the National Plan for Didactic Book and Material (PNLD 2021) – Integrative Projects, de-

<sup>1</sup> Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, PUC-SP, Pós- doutorado em Linguística, UnB, Brasília.

veloped to high school students, at the Languages and its Technologies area. Within the critical language studies and based on the theory of the representation of social actors (Leeuwen, 2008), fifteen textbooks were analyzed. Bearing the occurrence of the broad categories of exclusion and inclusion as well as the existence/non-existence of human figures representing elderlies, the results indicate (a) those individuals positioned aside the experiences lived by the high school students, and (b) the sustainment of the same isolation and lack of social relevance elderlies experience at a number of other social practices outside the school context. Except for the material in which elderlies are the theme of the unit, the textbooks reinforce representations of those individuals as the ‘other’ distant one, different, and conflictual, whose most evident social role is that of retelling narratives and reassuring the presence of the past.

**Keywords:** Ageism; Didactic Material; Critical Language Studies; Elderly; National Plan for Didactic Book and Material.

## Introdução

O Brasil passa por rápido e intenso processo de transformação demográfica (OMS, 2015). Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2010, existiam 39 pessoas idosas para grupo de 100 jovens. Em 2030, estima-se que serão 153 pessoas idosas para cada 100 jovens (Miranda, Mendes, da Silva, 2016). Apesar disso, pouco se tem investigado sobre as relações entre as políticas públicas educacionais e os modos como os indivíduos são percebidos e socialmente representados nos espaços das salas de aula, desde a elaboração dos currículos até a produção de materiais didáticos. De outra feita, evidências indicam que muitas percepções e vários pressupostos sobre a pessoa idosa<sup>2</sup> são baseados em estereótipos e representações inadequadas do que seja envelhecer e do que significa ser idos@<sup>3</sup> nos tempos atuais (Teixeira et al, 2015; Moreira e Nogueira, 2008). A ideia de uma pessoa idosa ‘típica’, privada de capacidades e marcada por perdas, não tem relação com a idade cronológica dos indivíduos. Atitudes preconceituosas que decorrem de construtos sociais rígidos em relação ao ciclo da vida, como se determinado por estágios fixos, limitam as maneiras como as questões são formuladas e, por consequência, inibem possibilidades de práticas equânimes. A superação do estigma em relação a indivíduos ou grupos em razão de sua idade é um dos pontos de partida para uma sociedade mais justa, humanizada e inclusiva.

Estigma diz respeito a rótulos negativos atribuídos a pessoas que, em razão disso, perdem status e poder, passando a ser estereotipadas e discriminadas (Link e Phelan, 2001). Os efeitos desse processo

---

<sup>2</sup> Neste estudo, opto por me referir às pessoas com 60 anos ou mais como **pessoas idosas**. Além de ser o termo adotado pelas Nações Unidas, ele pretende se contrapor a expressões como terceira idade, melhor idade, idade de ouro ou feliz idade, uma vez que estas configuram eufemismos que tendem a reforçar a ideia de que é preciso tratar o processo de envelhecimento a partir do extraordinário e acabam por operar a favor de estereótipos, reificando a negação do envelhecimento e a juventude como padrão.

<sup>3</sup> Faço uso do marcador @ como forma de posicionamento ideológico não binário.

podem ser devastadores, especialmente quando dizem respeito a pessoas idosas. Visões preconceituosas ajudam a moldar suas experiências e atuam negativamente sobre sua vida social, sua autopercepção e autoestima. Estereótipos e discriminação contra pessoas ou grupos em razão de sua idade é chamado de etarismo, idadismo ou ageismo, nesse caso, uma adaptação do inglês para o português do termo *ageism*.

O Relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015) sugere que os efeitos do etarismo estão associados a mortes precoces entre pessoas com 60 anos ou mais<sup>4</sup>, maiores declínios na saúde física e mental, menor qualidade de vida, isolamento e solidão. Isso porque os modos como aspectos do mundo são representados encontram legitimidade nas maneiras de ação social e acabam por ser inculcados nas identidades de agentes sociais (Fairclough, 2003).

Uma das estratégias sugeridas pela OMS (2021) para reduzir práticas de etarismo são as intervenções educacionais: “Atividades educacionais ajudam a melhorar empatia, a dissipar concepções equivocadas sobre diferentes grupos etários e a reduzir preconceito e discriminação por meio da oferta de informação adequada e exemplos contra estereotipados.”<sup>5</sup> (OMS, 2021, p. 5).

Este texto apresenta resultados do projeto de pesquisa “Etarismo e educação: uma análise de livros didáticos do PNL D 2021” que tratam dos processos de representação de atores sociais (Leeuwen, 2008) em 15 (quinze) obras aprovadas na Portaria 41, de 14 de dezembro de 2020<sup>6</sup>. Com base nas lentes dos estudos críticos da linguagem, tomados como um conjunto de teorias e métodos transdisciplinares que tomam o discurso como uma prática social multimodal (Rogers, 2011), o texto tem o propósito de contribuir para uma reflexão sobre as relações entre as atividades educacionais e as práticas sociais estereotipadas, preconceituosas e discriminatórias relacionadas ao envelhecimento e à pessoa idosa.

A opção pelos estudos críticos da linguagem deixa clara minha filiação a perspectivas epistemológicas transdisciplinares que abordam as relações entre linguagens e demais elementos das práticas sociais situadas no tempo-espaco como centrais no campo dos estudos sócio-histórico-culturais e dos embates político-ideológicos que são ali forjados e dão formas a essas mesmas práticas. Isso serve para dizer que os currículos, livros e materiais didáticos, como os aqui analisados, são orientados por “objetivos, assuntos, temas e estratégias de aprendizagem que, em sua maioria, costumam coadunar-se com os valores e interesses dos vários grupos de poder da elite.” (Dijk, 2008, p. 50).

## Etarismo, linguagem e educação

O conceito de etarismo surge no final da década de 60 para se referir aos modos como indivíduos idosos são representados de maneira estereotipada e preconceituosa (Phelan, 2018). Embora o termo

---

<sup>4</sup> As Nações Unidas adotaram 60 anos como a idade que marca a definição de pessoa idosa (OMS, 2008). O marco é arbitrário e se relaciona, em muitos casos, à idade em que se a pessoa se torna elegível para receber sua aposentadoria. Grande parte dos países de alto poder econômico usam os 65 anos como idade de referência, em razão também da maior expectativa de vida de sua população. No Brasil, o Estatuto da Pessoa Idosa trata dos direitos daquelas com 60 anos ou mais.

<sup>5</sup> No original: *Educational activities help enhance empathy, dispel misconceptions about different age groups and reduce prejudice and discrimination by providing accurate information and counter-stereotypical examples.*

<sup>6</sup> A Portaria aprovou dezoito obras. Três delas não haviam sido ainda encontradas para acesso online até o término desta etapa da análise.

seja mais amplamente utilizado para se referir a preconceitos e estereótipos em relação a pessoas idosas, também jovens e, ente eles, predominantemente as mulheres, são alvo desse tipo de discriminação (OMS, 2021).

Assim como outras práticas discriminatórias, etarismo associa-se a estigmas definidos como a “expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso” (Goffman, 1975, p. 12), por um grupo de pessoas, em relação a outro grupo de pessoas com atributos diferentes. Estigmas são “identidades deterioradas, por uma ação social, que representam algo mau dentro da sociedade” (Siqueira e Cardoso, 2011, p. 94). Por decorrer da ação social, estigmas são criados e recriados em relação a diferentes culturas, por uma combinação simultânea de atribuição de rótulos, estereotipização, segregação e perda de status (Link e Phelan, 2001). Estigmas, portanto, são produzidos no interior de relações de poder opressivas, por grupos de pessoas que se compreendem em posição de desqualificar, deslegitimar, dominar o “outro”, sendo o preconceito e a discriminação formas de manifestação do sentimento e do comportamento em relação àquele que se deprecia.

As maneiras como compreendemos os ciclos da vida são construtos sociais (Schneider e Irigaray, 2008), reproduzidos por discursos sobre infância, juventude, vida adulta e velhice. Os modos de dizer e de representar esses ciclos – em geral, com base em estereótipos incorporados desde muito cedo em nossas percepções sobre o outro e sobre nós mesmos – pode impor sofrimento e silenciamentos.

Percepções negativas sobre a velhice não são novas. Na filosofia antiga, Cícero se dedicou a colocar em xeque estereótipos que, sendo ele próprio uma pessoa de 62 anos, sentia na pele. Alcântara (2013) esclarece que em *De Senectute* ou *Catão, o Velho*, Cícero estabelece um diálogo em resposta ao que se dizia ser “uma fase da vida deplorável, pelos seguintes motivos: a) afasta o homem (*sic*) dos negócios; b) torna o corpo mais sujeito a doenças; c) priva o homem (*sic*) de quase todos os prazeres e d) não está muito distante da morte” (Alcântara, 2013, p. 12) Toda a obra do filósofo é no sentido de argumentar em favor de uma velhice virtuosa. Alcântara conclui que:

Marco Túlio Cícero acreditava que havia sim, a possibilidade de uma velhice feliz, e essa depende de como cada homem (*sic*) constrói o seu percurso de vida, pois essa velhice digna é uma construção que exige muito esforço, bem como, uma práxis e uma relação virtuosa entre jovens e velhos (*sic*), todos aceitando os ditames da natureza no sentido de viverem a excelência de suas idades. (Alcântara, 2013, p. 95)

Ainda hoje as percepções sobre ser idoso e sobre envelhecer estão associadas a um campo semântico de conotação negativa e indesejável como sofrimento, mal-estar, declínio, fragilidades, perdas, morte (Schneider e Irigaray, 2008; Phelan, 2018; Neri e Freire, 2000;), bem como ser um peso econômico e social. Essas narrativas, muitas das quais propaladas como estratégia para justificar a necropolítica (Mbembe, 2003) promovida por governos com poder de decidir quem vive, quem morre e de que forma isso deve ser feito, tornaram-se mais evidentes ao longo da pandemia provocada pelo Corona vírus. Não poucas vezes, o Ministério da Economia celebrou a COVID-19 como fator de equilíbrio no déficit previdenciário. “É bom que as mortes se concentrem entre os idosos... Isso melhorará nosso desempenho econômico, pois reduzirá nosso déficit previdenciário”, teria dito a economista Solange Vieira, que comandava a Superintendência de Seguros Privados, durante reunião com o Mi-

nistério da Saúde no dia 17 de março de 2020 (Lindner e Vargas, 2020). No ano seguinte, o próprio Ministro da Economia, Paulo Guedes, reitera que “todo mundo quer viver 100 anos, 120, 130 (anos). Não há capacidade de investimento para que o Estado consiga acompanhar”. A fala se deu durante o Conselho de Saúde Suplementar, no dia 27 de abril de 2021, reafirmando que o envelhecimento populacional aumenta a demanda econômica e social (Rocha, 2021).

Representações como essas têm efeitos sobre as pessoas idosas que passam, elas mesmas, a incorporar identidades que geram dependência, medo, insegurança, deterioração e incapacidade. Como argumenta Phelan (2018, p. 550),

(...) o modo como falamos sobre a pessoa idosa e como a posicionamos discursivamente tem consequências não somente sobre nossa percepção em relação a esse grupo populacional, mas também sobre o tratamento que recebem na política, legislação, práticas de assistência social e de saúde e sobre a consequente experiência que a pessoa idosa tem do mundo.<sup>7</sup>

De outro lado, operam as narrativas em favor da negação do envelhecimento, de modo especial nas culturas ocidentais, por meio do culto ao corpo, da celebração da estética jovem, da glorificação da juventude eterna como qualidade que define o envelhecimento saudável. Nessa linha, surgem eufemismos como ‘melhor idade’, ‘terceira idade’, ‘idade de ouro’ ou mesmo ‘feliz idade’ para suavizar no discurso sentidos do que seja ser idoso (Tavares e Menezes, 2020). Esses diferentes modos de dizer os indivíduos com 60 anos ou mais são narrativas que igualmente acionam mecanismos de medo de envelhecer e de repulsa à velhice, operando a favor da discriminação e da gerontofobia.

Diante desses aspectos da vida social, o processo de envelhecimento que, embora complexo e multifacetado, deveria ser experimentado como fenômeno bio-psico-social do curso natural da vida, é, de fato, atravessado por estigmas e autoestigmas que ameaçam a potência de ser, existir e agir no mundo.

Como indiquei, os modos como percebemos as relações etárias são moldados por nossas experiências, cultura, valores. Por ser uma construção social, etarismo é produzido, sustentado e reproduzido nas e por meio das práticas semióticas. Existe tanto uma estratégia discursiva para discriminação em relação à idade dos indivíduos, quanto diferentes formas pelas quais a discriminação é implementada, posta em prática, operacionalizada. No campo dos estudos críticos da linguagem, isso diz respeito aos modos pelos quais as narrativas sobre a pessoa idosa e sobre o envelhecimento são instanciadas como novas relações entre as pessoas, corporificadas em novas identidades e materializadas como novas formas de organizar o tempo e o espaço. A análise das representações desses indivíduos ajuda a compreender os modos pelos quais a linguagem opera para sustentar e (des)construir relações de dominação no interior de determinadas práticas sociais.

A educação como instituição secular é elemento central nesse processo. Nos espaços escolares, práticas visíveis e ocultas formam um complexo de células vivas e dinâmicas no qual são produzidas, sustentadas e ressignificadas experiências de solidariedade e de indiferença, de inclusão e de exclusão,

---

<sup>7</sup> No original: (...) *the way we talk about older people and how we position them discursively has consequences not only in our perception of this population group, but also in their treatment within policy, legislation, health and social care practice and older people's subsequent experience of the world.*

relações de poder opressivas, oportunidades e iniquidades. Embora orientada por “princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (Brasil, 2018-a, p.7), a educação é arena de conflitos na qual múltiplos sentidos se confrontam e se contradizem. Nem mesmo a retórica repetida nos documentos de governo é capaz de criar e estabilizar versões únicas sobre a realidade e de garantir “uma sociedade justa, democrática e inclusiva”. Nos processos de recontextualização<sup>8</sup> dos discursos é que esses sentidos são forjados, instanciados e incorporados nas práticas sociais.

Políticas públicas como a do PNLD, organizadas ao redor de um conjunto de Editais e Portarias, constituem um campo de forças que determinam, com maior ou menor rigor, as *affordances* que governam os modos como os sentidos e textos são recontextualizados, isto é, transformados em material didático, avaliados por especialistas, selecionados por professor@s e, em última instância, postos em circulação nas práticas pedagógicas.

Estudos críticos da linguagem, como os realizados pelo *The New London Group*<sup>9</sup>, têm foco sobre as relações entre discurso e sociedade e, sua relevância para este estudo está na possibilidade de se examinar as estratégias de construção, sustentação e reprodução das iniquidades. Nas palavras de Resende e Ramalho (2009, p. 23), estudos nesse campo são “motivad[os] pelo objetivo de prover base científica para um questionamento crítico da vida social em termos políticos e morais, ou seja, em termos de justiça social e de poder”.

A formação docente e as práticas de ensino-aprendizagem de inglês figuram como elementos centrais nas pesquisas e intervenções que venho realizando ao longo da minha carreira. Os diferentes fios que atravessam esses estudos têm como finalidade problematizar as relações de poder presentes nas práticas de ensino-aprendizagem (Mateus, 2009; El Kadri et. al., 2017), examinar criticamente as relações universidade-escola como estratégia de governança por parceria (Mateus, 2014; Mateus, Miller, Cardoso, 2019), investigar políticas públicas em relação a *affordances*<sup>10</sup> (Mateus, El Kadri, Gaffuri, 2014; Mateus, Piconi, El Kadri, 2012).

Nesse sentido, este texto insere-se no conjunto das evidências já acumuladas pelo grupo de pesquisa *Aprendizagem sem Fronteiras: linguagem, ética e formação de professores*, cadastrado, sob minha coordenação, no diretório de grupos de pesquisa do CNPq. Por se tratar de uma análise de uma dada política pública educacional, o estudo contribui para o exame crítico das relações entre estratégias que criam e sustentam percepções sobre um aspecto da realidade social – nesse caso, a velhice e envelhecimento – e a escola como microcosmo cultural no qual as estratégias são implementadas – nesse caso, por meio da adoção e utilização do material didático avaliado e distribuído pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD).

<sup>8</sup> O conceito de recontextualização é utilizado nos estudos críticos da linguagem como categoria que permite analisar as dinâmicas discursivas na transformação de um gênero a outro, ou de uma esfera pública para outra.

<sup>9</sup> O chamado *The New London Group* é formado por estudiosos críticos da linguagem que se reuniram em setembro de 1994 e escreveram *A Pedagogy of Multiliteracies, na Harvard Educational Review* (1996). São eles: Courtney Cazden, Bill Cope, Norman Fairclough, James Paul Gee, Mary Kalantzis, Gunther Kress, Alan and Carmen Luke, Sarah Michaels e Martin Nakata.

<sup>10</sup> Nos estudos do grupo, *affordances* se refere aos potenciais de ação, dados os constrangimentos e possibilidades presentes na prática social.

## O Plano Nacional do Livro e do Material Didático

O PNLD é um programa com mais de 80 anos de história (Brasil, 2017). Sua primeira versão foi publicada em 1937, por meio do decreto que criou o Instituto Nacional do Livro, e somente a partir de 1985, passou a ser chamado Plano Nacional do Livro Didático. Em 2017, as ações anteriormente contempladas por este Programa e pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) foram unificadas. Com isso, surge o Programa Nacional do Livro e do Material Didático. Além da nova nomenclatura, explica o MEC,

o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD também teve seu escopo ampliado com a possibilidade de inclusão de outros materiais de apoio à prática educativa para além das obras didáticas e literárias: obras pedagógicas, softwares e jogos educacionais, materiais de reforço e correção de fluxo, materiais de formação e materiais destinados à gestão escolar, entre outros. (Brasil, 2018-b).

Ao longo de sua existência, o programa passou por descontinuidades, modificações e aperfeiçoamentos. Ao longo deste período, tem sido constante o propósito de distribuir gratuitamente materiais didáticos para estudantes das escolas públicas das redes de ensino básico e, mais recentemente, também a instituições de educação infantil sem fins lucrativos e conveniadas com o poder público em todo o território nacional<sup>11</sup>. Os princípios são da livre participação das editoras e da livre escolha d@s professor@s da rede<sup>12</sup>.

Nesse percurso, os processos de aperfeiçoamento do programa por meio de critérios de avaliação, de parcerias com universidades públicas e de ampliação dos seus componentes foram essenciais para seu fortalecimento, regularidade e universalização.

O PNLD publica anualmente edital de convocação de editores para o processo de aquisição das obras e, define ali, prazos, tipos de composição das obras e suas características. Os editais são alternados, isto é, atendem educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental, anos finais do ensino fundamental e ensino médio em ciclos diferentes. O edital 03/2019 ao qual concorreram as obras adquiridas e distribuídas no PNLD 2021, objeto deste estudo, foi publicado em 27 de novembro de 2019 (Brasil, 2019).

O PNLD 2021 voltou-se para a implantação do Novo Ensino Médio, com vistas ao desenvolvimento de “**práticas pedagógicas que sejam ativas, interativas, diversificadas e eficientes.**” (Brasil, 2019, p. 9, destaque no original). Nesse processo, foram selecionadas obras divididas em 5 objetos, sendo o Objeto 1 aquele no qual se encontram os Projetos Integradores que analiso neste artigo. Os Projetos Integradores deveriam ser confeccionados considerando-se as quatro áreas do conhecimento, com determinados números mínimos de páginas e quantidade necessária de videotutoriais (quadro 1).

<sup>11</sup> Para um aprofundamento sobre a história e os custos do PNLD, recomendo Silveira e Teixeira (2020).

<sup>12</sup> Para uma leitura crítica sobre a “livre participação” desses atores sociais, recomendo Mortara et. al. (2021).

**Quadro 1.** Itens de avaliação nas obras didáticas de Projetos Integradores e de Projeto de Vida

Obras didáticas de Projetos Integradores e Projeto de Vida	Livro do estudante impresso	Manual do professor impresso	Material digital do professor
	Máximo de páginas	Máximo de páginas	Videotutorial
Projetos Integradores da área de Linguagens e suas Tecnologias	208	304	6
Projetos Integradores da área de Matemáticas e suas Tecnologias	208	304	6
Projetos Integradores da área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias	208	304	6
Projetos Integradores da área de Ciências Humanas e suas Tecnologias	208	304	6
Projeto de Vida	208	256	3

Fonte: Brasil, 2019, p. 1.

Faz parte ainda das determinações que conformam os Projetos Integradores a necessidade de que (1) cada obra seja composta por seis projetos, sendo quatro a partir de temas integradores pré-definidos<sup>13</sup> e dois livres, (2) cada projeto tenha obrigatoriamente um videotutorial de caráter complementar a professor@s, e (3) todo o material enfoque obrigatoriamente as competências gerais da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (quadro 2). A competência 7 – argumentação – deve ser contemplada em todas as unidades.

Como parte de uma política de governo consolidada, o PNLD tem a finalidade de direcionar os conteúdos e práticas educacionais. Em muitas realidades, esses materiais que chegam de forma gratuita às escolas e comunidades são utilizados como fonte essencial de pesquisas e como principal recurso pedagógico. Por sua penetração social e condição de leitura obrigatória para muitos estudantes, os livros didáticos têm relevante poder, figurando como portadores de verdades inquestionáveis (Coracini, 1999) e favorecendo a “sub-representação, privação de voz e estereotipagem” dos grupos minoritários (Dijk, 82, p. 82).

## Metodologia

Este estudo investiga a (in)visibilidade e (sub)representação de pessoas idosas, por meio da teoria de representação de atores sociais (Leeuwen, 2008), com base na investigação das macro-ca-

<sup>13</sup> Não considero, para fins da presente análise, STEAM como um tema integrador, uma vez que se configura antes como abordagem integradora de áreas de conhecimento, permitindo @s autor@s dos materiais didáticos a escolha de qualquer tema contemporâneo transversal para ser desenvolvido por meio de tal abordagem.

**Quadro 2.** Lista temática das obras didáticas de Projetos Integradores e de Projeto de Vida

Número do projeto	Tema integrador	Competências gerais da BNCC que devem ser trabalhadas de forma prioritária
1	STEAM (Ciência, Tecnologia, Engenharia, Arte e Matemática)	7 (argumentação), 1 (conhecimento) e 2 (pensamento científico, crítico e criativo)
2	Protagonismo Juvenil	7 (argumentação), 3 (repertório cultural) e 8 (autoconhecimento e autocuidado)
3	Mídiaeducação	7 (argumentação), 4 (comunicação) e 5 (cultural digital)
4	Mediação de Conflitos	7 (argumentação), 9 (empatia e cooperação) e 10 (responsabilidade e cidadania)
5	Livre escolha de um dos temas anteriores e respectivo grupo de competências correlatas ou tema novo, enfocando obrigatoriamente três competências gerais, sendo uma delas necessariamente a competência de número de 7 (argumentação) da BNCC	
6	Livre escolha de um dos temas anteriores e respectivo grupo de competências correlatas ou tema novo, enfocando obrigatoriamente três competências gerais, sendo uma delas necessariamente a competência de número de 7 (argumentação) da BNCC	

Fonte: Brasil, 2019, p. 3.

tegorias de exclusão e inclusão, em 15 obras aprovadas na Portaria 41, de 14 de dezembro de 2020 (ver Tabela 1). A análise se deu a partir do Manual do Professor, em suas versões digitais, baixadas da Internet entre os dias 08 de abril e 18 de outubro de 2021. Todos os 15 Manuais foram analisados na íntegra, em todas as suas seções: primeiramente, por meio da busca digital de grupos nominais e léxicos, conforme descritos a seguir, e depois, pela busca página a página de imagens de figuras humanas. Estas foram somente quantificadas nesta fase do estudo.

A teoria da representação de atores sociais encontra-se no campo dos estudos críticos da linguagem e envolve a análise das relações entre as escolhas representacionais e as realizações linguísticas específicas. Neste estudo, serão analisadas as supressões e as transformações por meio da nomeação, adjetivação, estrutura de grupos nominais e léxicos (Leeuwen, 2008). Essas categorias serão apresentadas e exemplificadas com os dados, ao longo da própria análise.

Para analisar e discutir os padrões de exclusão e inclusão, foi feito um levantamento das representações linguísticas de pessoas com 60 anos ou mais por meio da busca de palavras e grupos nominais como ‘terceira idade’, ‘envelhecimento’, ‘velho’, ‘velha’, ‘velhice’, ‘idoso’, ‘idosa’, em suas combinações com ‘mais velho’, ‘mais velha’ e ‘pessoa idosa’. Também busquei pela palavra ‘geração’ e ‘gerações’, quando aparecia em relação de contraponto entre presente, referindo-se aos jovens, e passado, referindo-se a pessoas mais velhas.

Os termos da busca não pretendem definir modos congruentes de se referir às pessoas com 60 anos ou mais, ou esgotar as possibilidades, mas servem para estabelecer, para fins da presente análise, um parâmetro a partir do qual essa categoria de ator social aparece (sub)representada. Do mesmo modo, a análise com base na frequência dessas ocorrências serve para revelar padrões a partir dos quais pode-se refletir sobre as relações de poder e os modos como são instanciadas nos textos.

**Tabela 1.** Obras publicadas na Portaria 41/2020, objeto da presente análise

<i>Título</i>	<i>Autoria</i>	<i>Editorial</i>	<i>Páginas</i>	<i>Código</i>
1. + AÇÃO NA ESCOLA E NA COMUNIDADE	Elizete Aparecida de Andrade de Oliveira; Andrea Gomes de Alencar; Conrad Pichler; Ana Tanis; Rubiana de Souza Barreiros; Fernanda Rodrigues Baruel; Maria Filippa da Costa Jorge; Renata Lara de Moraes Boim	Ed. FTD	208	0049P21505
2. #NOVO ENSINO MEDIO	Mariana de Lima e Muniz; Gabriela Cordova Christofaro; Maurilio Andrade Rocha	Ed. Scipione	208	0035P21505
3. AÇÕES EM LINGUAGENS	Ricardo Luiz Teixeira de Almeida; Luciana Maria Almeida de Freitas; Elzimar Goettenauer de Marins Costa	Richmond Educação	192	0034P21505
4. CAMINHAR E CONSTRUIR	Theda Cabrera Gonçalves Pereira; Luciane Bonace Lopes Fernande; Ebe Christina Spadaccini; Viviane Leticia Silva Carrijo	Saraiva Educação S.A.	192	0046P21505
5. CONHECER E TRANSFORMAR	Maria Helena Webster; Luis Fernando Panades Aranha; Rentata Garcia Marques; Mildred Aparecida; Sotero; Giselda Maria Picosque	Editora do Brasil S.A.	208	0010P21505
6. DA ESCOLA PARA O MUNDO	Roberta Hernandes Alves; Ricardo Gonçalves Barreto	Ed. Ática S.A.	208	0068P21505
7. IDENTIDADE EM AÇÃO	Regina Braz da Silva Santos Rocha	Moderna Ltda.	208	0022P21505
8. INTEGRANDO CONHECIMENTOS	Lais Cardoso da Rosa; Vanessa Bottasso Valentini	Moderna Ltda.	184	0024P21505
9. JOVEM PROTAGONISTA	Eliane Aparecida de Aguiar; Debora Mallet Pezarim de Angela	Edições LM Ltda.	192	0040P21505
10. MODERNA EM PROJETOS	Luiz Paulo Pimental de Souza; Felipe Marques Pagliato; Kelly Cristine Sabino; Diego Fernandes Garcia Moschkovich	Ed. Moderna Ltda.	176	0027P21505
11. PRÁTICAS NA ESCOLA	Camila de Castro Castilho; Juliana Vehas Chinaglia	Moderna Ltda.	160	0029P21505
12. SER PROTAGONISTA	Luiz Eduardo Greco; João Reinaldo Pires Junior; Eliana Gomes Pereira Pougy; Carolina Carbonari Rosignoli; Andre Luis; Eliana Gomes Pereira Pougy	Edições SM Ltda.	208	0059P21505

**Tabela 1.** Continuação.

<i>Título</i>	<i>Autoria</i>	<i>Editorial</i>	<i>Páginas</i>	<i>Código</i>
13. VAMOS JUNTOS, PROFE!	Marcia Guerra Pereira; Regina Barbosa Ramos; Mauricio Cardoso; Maria Isabel Sampaio de Moura Azevedo; Marcia Marinho Aidar; Lucia Leal Ferreira; Kaue Tavano Recski; Julia da Silveira Codo; Daniel Carvalho de Almeida; Marcia Regina Takeuchi	Saraiva Educação S.A.	208s	0054P21505
14. VER O MUNDO	Adilson Dalben; Flavia Almeida Brandão; Ligia Rodrigues Balista; Ieda Sant'Ana Rodrigues; Elizete Aparecida de Andrade de Oliveira; Barbara Falcão; Gabriela Viacava de Moraes; Roseli Ferreira Lombardi; Marcia Lenise Bertoletti; Isabel Alencar Lacombe	Ed. FTD S.A.	208	0090P21505
15. VOCÊ NO MUNDO	Adriana Valeria Santos Diniz; Debora Fabianne da Silva Freire; Jeane Felix da Silva; Mariana Lins de Oliveira; Djamere de Souza Braga Leite; Priscila dos Santos Ferreira Dias; Daniel Souza Moraes; Thiago Barros Mendes	MVC Editora Ltda.	172	0109P21505

Fonte: autora

Além dos modos como a pessoa com 60 anos ou mais aparece lexicalizada nos materiais, foi feito um levantamento quantitativo das imagens com figuras humanas com a finalidade de se estabelecer um parâmetro para análise da (in)visibilidade da pessoa idosa. Os dados foram inseridos em planilhas Microsoft Excel e analisados neste estudo somente em termos de suas ocorrências/recorrências. A seleção considerou imagens nas quais figuras humanas, em fotos ou reproduções de gravuras como capas de filmes ou panfletos, por exemplo, apareciam em qualquer plano. Não foram consideradas imagens nas quais não se podia identificar rostos, como em multidões, pessoas de costas ou desfocadas no plano. Também não foram consideradas imagens humanas apresentadas na seção “conheça seu livro”, uma vez que são depois novamente reproduzidas no contexto das unidades que ilustram.

As imagens foram selecionadas entre aquelas que apresentavam pessoas evidentemente idosas, com base em características como cor dos cabelos e/ou aparência da pele, aquelas que apresentavam pessoas mais velhas, como aparência dos traços físicos e/ou indicação da data de nascimento na legenda, e pessoas jovens, com base nas características como aparência dos traços físicos e/ou descrição das legendas. Uma síntese da ocorrência das figuras humanas por livro encontra-se na tabela 2.

## Análise e discussão dos dados

Os “processos de envelhecimento, respeito e valorização do idoso”<sup>14</sup> são um dos temas são um dos temas contemporâneos transversais dentro da macro área temática cidadania e civismo (Brasil, 2018-a). A incorporação desta temática na BNCC responde à demanda colocada há duas décadas pela Política Nacional do Idoso, na qual se encontra preconizada a necessidade de se “inserir nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto” (Brasil, 1994, alínea “b” do inciso III do Art. 10). A determinação se repete mais tarde no Estatuto da Pessoa Idosa:

Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria. (Brasil, 2013, Art. 22)

Como já apresentado no quadro 2, o Edital do PNLD traz como obrigatórios os seguintes temas integradores: protagonismo juvenil, mídiamediação e mediação de conflitos. Estes temas podem ser abordados a partir de qualquer um dos temas contemporâneos transversais, conforme prescritos na BNCC, quais sejam, meio ambiente, economia, saúde, cidadania e civismo, multiculturalismo e ciência e tecnologia. Os temas das outras três unidades não estavam pré-determinados pelo Edital do PNLD, o que leva a supor que @s autor@s tinham liberdade criativa para tematizar as questões do envelhecimento e da valorização da pessoa idosa.

A análise de quinze materiais didáticos disponíveis pela Portaria 41/2020 indica que somente o MD 4<sup>15</sup> traz o envelhecimento como tema a ser trabalhado na escola. Curiosamente, isso se dá na unidade 2, que tem o **protagonismo juvenil** como tema pré-definido pelo Edital do PNLD. O título da unidade é: *Viver por muito tempo (com qualidade de vida). Como manter a qualidade de vida durante uma longa existência*. No Manual do Professor, as autoras explicam que:

esse Projeto propõe aos estudantes o desafio de investigar as principais necessidades dos idosos da comunidade e suas experiências em relação ao processo de envelhecimento com o intuito de construir um projeto pessoal de vida mais realista, bem como uma visão mais crítica da velhice e do processo de envelhecimento. (MD 4, p. 224).

Enquanto os materiais em geral atribuíram ao protagonismo juvenil sentidos relacionados a manifestações culturais juvenis (MD 1; MD 3; MD 6; MD 8), ou ao poder de voz e transformação dos jovens (MD 7; MD 9; MD 10; MD 14), o MD 4 tratou protagonismo como escolhas informadas para construção de “um projeto pessoal de vida mais realista” (MD 4, p. 224). Dar ao tema **protagonismo**

<sup>14</sup> Reforçamos nossa opção pela designação “pessoa idosa” para se referir àquelas com idade igual ou superior a 60 anos, marcando, assim, nossa opção pela personalização por individualização e não identificação, como faz o documento da BNCC (Leeuwen, 2008).

<sup>15</sup> Doravante, todas as obras serão referidas a partir dos números a que correspondem na tabela 1, precedidas de MD.

**juvenil** o sentido de reflexão sobre os processos de envelhecimento configura uma estratégia significativa na direção de rompimento dos estigmas, na medida em que possibilita a estudantes entre 15 e 18 anos, predominantemente, construir novas percepções sobre “ser jovem” e sobre “ser protagonista”.

Este não é somente o único material didático que tematiza o envelhecimento, como também aquele em que foi encontrado o maior número de figuras humanas representando pessoas idosas. Como se vê na Tabela 2, das 51 ilustrações analisadas, 39% delas tinham a imagem de uma pessoa idosa ou mais velha<sup>16</sup>. Nenhum outro material chegou a representar esse grupo em mais do que 15% das imagens. Com isso, é de se esperar que seja também a obra em que mais vezes e de modo mais diverso se encontram textualmente representadas as pessoas com 60 anos ou mais, por meio de termos como “idoso”, “pessoa idosa”, “pessoa mais velha”, “população com mais de 60”, “geração”, “terceira idade”, “envelhecimento”.

A abordagem do tema no material se dá a partir da representação da velhice como uma fase da vida que, igual a todas as demais, tem perdas e conquistas.

O envelhecimento é uma fase da vida, assim como a infância, a juventude e os tempos de adulto. Envelhecer é um processo natural, dinâmico, contínuo e inevitável, feito de perdas e aquisições como em quaisquer outros momentos que, reunidos, compõem a história de cada um. (MD 4, p. 42).

**Tabela 2.** (In)visibilidade da pessoa idosa nas obras analisadas

<i>Livro</i>	<i>Total de Imagens com figuras humanas</i>	<i>Imagens com pessoas idosas (iminentes)</i>	<i>Imagens com pessoas mais velhas</i>	<i>% por obra</i>
<b>MD 1</b>	72	5 (4)	0	6.9%
<b>MD 2</b>	81	6 (4)	0	7.4%
<b>MD 3</b>	62	0	0	0.0%
<b>MD 4</b>	51	14 (5)	6	39.2%
<b>MD 5</b>	105	8 (5)	7	14.2%
<b>MD 6</b>	94	5 (4)	7	12.77%
<b>MD 7</b>	49	1 (1)	4	10.2%
<b>MD 8</b>	37	0	4	10.8%
<b>MD 9</b>	70	0	0	0.00%
<b>MD 10</b>	58	2 (1)	6	13.7%
<b>MD 11</b>	37	1	1	5.4%
<b>MD 12</b>	64	0	4	6.2%
<b>MD 13</b>	73	0	3	4.1%
<b>MD 14</b>	73	3	1	5.4%
<b>MD 15</b>	33	1	1	6.0%
<b>TOTAL</b>	<b>959</b>	<b>48 (24)</b>	<b>44</b>	<b>9.4%</b>

Fonte: autora

<sup>16</sup> Não é objetivo deste estudo uma análise semiótica das imagens, o que será feito em outra etapa do estudo, por meio das categorias da gramática do design visual (Kress e Leeuwen, 1996).

Assim como em qualquer fase da vida, a velhice vem acompanhada de alterações psicológicas, físicas, sociais e existenciais que marcam o indivíduo e variam de pessoa para pessoa. (MD 4, p. 44).

A inexistência de um conceito único e absoluto para velhice, considerando que se trata de uma categoria construída socialmente, assim como a infância e a juventude. Por isso, é tratada de forma diferente em cada tempo histórico e em cada sociedade, de acordo com aspectos culturais, econômicos e políticos. (MD 4, p. 45).

Em todos esses recortes, a pessoa idosa como ator social está *colocada em segundo plano*, ou seja, não é mencionada, mas pode-se inferir tratar-se dela tanto por abordar uma das fases do desenvolvimento humano biológico (“velhice”), quanto por se contrapor à “infância”, “juventude”, “tempos de adulto” e “quaisquer outros momentos”, por exemplo.

A *exclusão por colocação em segundo plano* representa, no entanto, uma estratégia menos utilizada do que a *inclusão* – tanto nesta obra, quanto no conjunto das demais. No total, o processo de exclusão corresponde a cerca de um terço das ocorrências.

O processo de inclusão pode se dar por três tipos de subsistemas. Nesse estudo, me concentro na análise da inclusão por personalização que, por sua vez, é composta por uma rede de subcategorias.

No MD 4, particularmente, a representação da pessoa idosa predominante é aquela da *personalização por generalização, identificação ou especificação*.

Leeuwen (2008) explica que a *inclusão por generalização* dá acesso a ordens de sentido universalistas, ou seja, tende a remover simbolicamente determinados atores sociais “do mundo das experiências imediatas dos leitores, tratando-os como ‘outros’ distantes ao invés de pessoas com as quais ‘nós’ temos que lidar nos nossos cotidianos”<sup>17</sup> (p. 36). A *generalização* pode ser instanciada por meio do uso de substantivos coletivos, ou uso do tempo presente como hábito ou fato, por exemplo.

Com o significativo aumento da população de idosos projetado para as próximas décadas, é importante dar atenção às profissões especializadas em atender idosos. (MD 4, p. 61).

No Brasil, o processo de envelhecimento e a velhice vêm obtendo cada vez mais visibilidade (...) (MD 4, p. 43).

Lembrem-se de que na música da Legião Urbana, composta em 1982, Renato Russo refere-se também ao consumismo e à indústria cultural de massa dos EUA no Brasil, mas em relação à geração daquela época, não à dos anos 1950-1960. (MD 5, p. 148)

A *identificação por classificação*, por sua vez, determina os atores sociais “em termos do que eles, mais ou menos permanentemente ou inevitavelmente, são”<sup>18</sup> (Leeuwen, 2008, p. 42). Esta é uma estratégia de *categorização* em razão dos modos como as instituições os diferenciam a partir de iden-

<sup>17</sup> No original: (...) *symbolically removed from the readers’ world of immediate experience, treated as distant “others” rather than as people with whom “we” have to deal in our everyday lives.*

<sup>18</sup> No original: (...) *in terms of what they, more or less permanently, or unavoidably, are.*

tidades que compartilham com outros, como raça, gênero, idade, década, movimento.

Localizem próximo à escola algum serviço voltado para peessoas idosas. Pode ser um grupo de terapia ocupacional ou que ofereça baile para a terceira idade. (MD 4, p. 51).

A postura questionadora do slam tem sua origem nas propostas vistas na geração Beat das décadas de 1940 e 1950. (MD 8, p 49).

Aqui o público-alvo podem ser peessoas da terceira idade que tenham **dificuldade** com esse tipo de tecnologia. (MD 9, p. 51).

Juntas, as estratégias linguísticas de *generalização* e de *classificação* tendem a reproduzir nos materiais didáticos sentidos de identidades mais estáveis, fixas e perenes, considerados, principalmente, os fatos de que se fazem nos limites entre ‘nós’, não idosos, e ‘eles’, idosos distantes das nossas realidades. Em geral, a ‘outro-representação’ associa as pessoas idosas a dificuldades (por exemplo, excerto anterior MD9, p. 51), a rituais e costumes tradicionais, como dança de roda, boi de mamão, ao ócio, ou à demiurgos da história, como ilustram as figuras 1-3.

Por outro lado, a *identificação relacional*, como o temo sugere, representa os atores sociais em

(Fig. 1, MD 14, p. 154)



O fogo é um elemento vital para as sociedades humanas. Esse elemento faz parte das narrativas de diversos povos indígenas. Na foto, avó conta história a seu neto na aldeia Idzu-hurro, da etnia xavante, em General Carneiro (MT). Foto de 2010.

termos de suas relações pessoais, de parentesco ou trabalho e se instancia no texto por meio de pronomes que denotem essas relações. No caso deste estudo, considero *identificação relacional* também ocorrências em que foram estabelecidas relações geográficas entres os atores sociais. A determinação das pessoas idosas por meio da *identificação relacional* deu-se predominantemente no material em que o envelhecimento e a pessoa idosa foram tematizados como proposta de projeto.

(Fig. 2, MD 2, p. 169)



33ª Festival da Laranja, organizado pelos moradores da comunidade rural de Lajinha, em Teófilo Otoni (MG). Além de barracas de comidas, no evento há apresentações de dança e outras atrações. Foto de 2018.

(Fig. 3, MD 5, p. 46)



Pessoas jogando baralho no Parque Halfeld, em Juiz de Fora (MG). 2015.

Nesta etapa, vocês serão convidados a investigar e discutir temas de relevância social, dialogar com os idosos da família ou da comunidade e produzir textos, de diferentes gêneros, com base em dados, fatos e informações, formulando e defendendo ideias e pontos de vista. (MD 4, p. 42).

Apresentem as conclusões do grupo ao restante da turma, considerando o lugar social dos idosos e das idosas que vocês conhecem e com os quais convivem. (MD 4, p. 48).

Entrevistem ao menos cinco idosos e cinco idosas da comunidade local ou escolar. (MD 4, p. 46).

Embora haja também uma ocorrência desta estratégia no MD 3, o texto é parte de um fragmento de uma obra, inserido com o objetivo de levar os estudantes a “refletir sobre visões acerca dos indíge-

nas no Brasil contemporâneo” (MD 3, p. 130). Portanto, os efeitos da *identificação* nesse caso, não são os mesmos que se podem inferir no MD 4. Neste, as ocorrências de *identificação relacional* buscam construir sentidos de pertencimento e de proximidade entres os atores da ação, no caso, os jovens para os quais o material foi preparado e as pessoas idosas com as quais devem “dialogar”.

Esses efeitos de sentido se fazem também por meio da *especificação*. Ao contrário da *generalização*, a *especificação* identifica os indivíduos e, deste modo, tende a conferir percepções mais concretas sobre as realidades. Leeuwen (2008, p. 36) afirma que a *especificação* tende a “aproximar as pessoas com as quais temos que lidar no nosso cotidiano.”<sup>19</sup> Como mostram os exemplos a seguir, ainda que o ator social pessoa idosa apareça coletivizado, é possível identificar que se trata de um coletivo específico, com o qual se interage de modo direto.

(...) como a pessoa idosa é tratada nessa comunidade ou grupo; (MD 4, p. 45).

Em uma roda de conversa, com toda a turma, discutam se o encontro dançante promoveu reflexões e aproximações com os idosos, assim como a contribuição individual de cada estudante e do coletivo, como um todo. (MD 4, p. 54).

Para dar continuidade ao Projeto, proponha soluções ou formas de atender às necessidades e carências dos idosos com quem se relacionaram ao longo do trabalho. (MD 4, p. 61)

A *nomeação* é uma estratégia de particularização de determinados atores sociais, em determinados contextos. A escolha de representação por nomeação trata de identidades únicas. Nos materiais analisados, as pessoas idosas nominadas são aquelas que gozam de certa notoriedade, reconhecimento ou status. Em geral, a *nomeação* se liga a legendas com imagens dessas pessoas de elite retratadas como exemplo de jovialidade e de vitalidade na velhice, ou como referência de sucesso.

Por fim, é relevante analisar o fato de que essas estratégias aqui apresentadas separadamente, se articulam no interior das obras e, por meio de uma complexa rede de significações, permitem construir sentidos menos ou mais hegemônicos sobre as pessoas com 60 anos ou mais e sobre os de envelhecimento. Nesse sentido, materiais didáticos nos quais predominam a *invisibilidade* da figura idosa (MD 3, MD 9), a *exclusão por colocação em segundo plano* (MD 7, MD 10, MD 13, MD 14), a *particularização por nomeação* de pessoas iminentes e de prestígio (MD 5, MD 6), ou a combinação destes recursos semióticos (MD 1, MD 2, MD 8) têm efeitos sobre as percepções indesejáveis construídas em relação a esse ator social.

## Considerações

Este estudo apresenta uma análise da (in)visibilidade e (sub)representação de pessoas idosas por meio de textos/imagens publicados em livros didáticos no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2021 – Projetos Integradores, desenvolvidos para estudantes do ensino médio, do componente curricular Linguagens e suas Tecnologias.

<sup>19</sup> No original: *people with whom “we” have to deal in our everyday lives.*

Uma das contribuições dos estudos críticos da linguagem está na possibilidade de analisar as estratégias semióticas que operam nas relações desiguais de poder e, deste modo, buscar formas mais equânimes na distribuição de poder entre indivíduos e grupos. Nesse sentido, a análise a partir das categorias de inclusão e exclusão, bem como da (in)visibilidade imagética da figura da pessoa idosa, permite compreender o predomínio de percepções que posicionam esses sujeitos à margem das experiências vividas pelos estudantes do ensino médio e representados principalmente como o ‘outro’ distante, diferente, em conflito, cujo papel social é o de recontar narrativas e perpetuar histórias do passado.

A ausência, tanto quanto a presença, tem significados relevantes. No caso deste estudo, a exclusão da pessoa idosa como ator social textualmente representado nos materiais didáticos analisados se dá predominantemente pela supressão. Em algumas obras, a realização linguística da velhice praticamente inexistente (MD 2, MD 3, MD 6, MD 10, MD 12). Enquanto “algumas das exclusões podem ser detalhes ‘inocentes’ que se presume serem conhecidos dos leitores, ou que são considerados irrelevantes para eles”<sup>20</sup>, outras configuram-se como estratégia de apagamento e de distanciamento de questões cercadas por medos, preconceitos e discriminação.

A exclusão, seja pela supressão radical ou pelo apagamento da pessoa idosa como ator social nos textos propostos nos materiais tende a favorecer o bloqueio ao acesso ao conhecimento da prática social própria da existência humana que é, precisamente, seu processo de envelhecimento. Deste modo, prevalece uma representação de algo que não pode ser plenamente compreendido e, por extensão, transformado. O silenciamento e a invisibilidade da pessoa idosa nas reflexões promovidas por esses materiais, de modo geral, acaba por reproduzir as mesmas relações de isolamento e de ausência de ênfase que esses indivíduos experimentam nas práticas sociais também fora dos espaços escolares. Ao reduzir o número de vezes em que a pessoa idosa é explicitamente referida nos materiais, ou mesmo excluir completamente sua existência, esses materiais tendem a consolidar a invisibilidade social que decorre de estigmas, medos e preconceitos.

A exceção acontece no caso do MD 4, em que as *determinações por identificação relacional* operam em favor da cocriação de novos significados na medida em que, de certa forma, particularizam as possibilidades de compreensão das identidades das pessoas idosas. Digo isso também em função do fato de que é somente neste material que esse ator social é tematizado de maneira central e partir de quem devem ser criados os entendimentos sobre o que significa ser uma pessoa com 60 anos ou mais, no contexto específico em que vivem. É, portanto, ao contrário de outras obras aqui analisadas, uma proposta de criar significados **com** esse outro e não **para** ele ou, pior, a partir de representações estigmatizadas **sobre** ele.

Na análise que apresentei, os materiais didáticos nomeiam, essencialmente, pessoas idosas notórias, bem-sucedidas e reconhecidas por sua atuação no campo das artes, do esporte ou da ciência, enquanto coletivizam ao tratar de costumes e tradições populares. A ausência de *nomeação* permite explicar os mecanismos pelos quais status é concedido a determinados grupos em detrimento de outros.

---

<sup>20</sup> No original: *Some of the exclusions may be “innocent,” details which readers are assumed to know already, or which are deemed irrelevant to them (...).* Tradução livremente feita pela autora.

Ainda que parte de um estudo em desenvolvimento, o presente texto sugere que, de modo geral, os sentidos veiculados pelos materiais didáticos analisados sustentam percepções, crenças e valores que tendem a contribuir para legitimar a não proeminência social das pessoas com 60 anos ou mais e, por extensão, seu desempoderamento, já que visibilidade, valorização e status são fios que tecem as redes de poder e de acesso.

Vale lembrar, contudo, que discursos, mesmo sendo hegemônicos, são instáveis, fluidos e abertos ao dissenso, à crítica e a contra-discursos. Assim, mais estudos como este podem contribuir para que educador@s e estudantes possam desviar-se do currículo dominante, das práticas desiguais, e das tradições opressoras.

## Referências

- ALCÂNTARA, A.O. 2013. *O elogio à velhice no De Senectute de Marco Tulio Cicero*. Fortaleza, CE. Dissertação de Mestrado em Filosofia. Universidade Federal do Ceará. 98p. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/22958/1/2013\\_dis\\_aoalcantara.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/22958/1/2013_dis_aoalcantara.pdf). Acesso em: 01/02/2021.
- BRASIL. 1994. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Política Nacional do Idoso*. Lei nº 8.842/1994. Brasília, 102 p. Disponível em: [https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Normativas/politica\\_idoso.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/politica_idoso.pdf). Acesso em: 5/3/2020.
- BRASIL. 2013. Ministério da Saúde. *Estatuto do Idoso*. 3. ed., 2. Reimpressão. Brasília. 70 p.
- BRASIL. 2017. Fundo Nacional de Desenvolvimento e Educação. *Histórico*. Disponível em: <http://www.fnede.gov.br/component/k2/item/518-hist%C3%B3rico>. Acessado em: 4/11/2021.
- BRASIL. 2018-a. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, MEC, 598p. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10/02/2019.
- BRASIL. 2018-b. Ministério da Educação. *PNLD*. Brasília, MEC. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-acoes-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>. Acesso em: 10/09/2021.
- BRASIL. 2019. Ministério da Educação. *Edital de Convocação 03/2019 CGPLI*, MEC, 127p. Disponível em: [https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/consultas-editais/editais/edital-pnld-2021/EDITAL\\_PNLD\\_2021\\_CONSOLIDADO\\_13\\_RETIFICACAO\\_07.04.2021.pdf](https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/consultas-editais/editais/edital-pnld-2021/EDITAL_PNLD_2021_CONSOLIDADO_13_RETIFICACAO_07.04.2021.pdf). Acesso em: 10/05/2021.
- CORACINI, M.J.A. (org.). 1999. *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. São Paulo, Pontes, 176p.
- DIJK, T.A.van. 2010. *Discurso e poder*. J. HOFFNAGEL; K. FALCONE (orgs.). 2 ed. São Paulo, Contexto, 281p.
- EL KADRI, M.S; ROTH, W-M.; GIL, A.J.; MATEUS, E. Towards a more symmetrical approach to the zone of proximal development in teacher education. *Revista Brasileira de Educação*, v.22, p.668 - 689, 2017.

FAIRCLOUGH, N. 2003. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London, Routledge, 288p. <https://doi.org/10.4324/9780203697078>

GOFFMAN, E. 1975. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. M. LAMBERT (trad.). Rio de Janeiro: LTC. 124p.

KRESS, G.; LEEUWEN, T. 1996. *Reading Images: the grammar of visual design*. Londres, Routledge, 291p.

LEEUWEN, T van. 2008. *Discourse and Practice: new tools for critical discourse analysis*. New York, Oxford University Press, 172p.

LINDNER, J.; VARGAS, M. 2020. Morte de idosos por covid-19 melhora contas da previdência, teria dito chefe da Susep. *Estadão*, São Paulo, 28 maio 2020. Economia. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,morte-de-idosos-por-covid-19-melhora-contas-da-previdencia-teria-dito-chefe-da-susep,70003317874> Acesso em: 20/04/2021.

LINK, B.G.; PHELAN, J.C. 2001. Conceptualizing stigma. *Annual Review of Sociology*, **27**: 363-385. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.27.1.363>

MBEMBE, A.L. 2003. Necropolitics. *Public Culture*, **15**(1): 11–40. <https://doi.org/10.1215/08992363-15-1-11>

MATEUS, E. Torres de babel e línguas de fogo: um pouco sobre pesquisa na formação de professores de inglês. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v.9, p.307-328, 2009.

MATEUS, E. Um esboço crítico sobre ‘parceria’ na formação de professores. *Educação em Revista*, v.30, p. 355 - 384, 2014.

MATEUS, E.; EL KADRI, M.S.; GAFFURI, P. Dinâmicas de colaboração como prática social de aprendizagem significativa. *Calidoscópico*, v.12, p.64 - 72, 2014.

MATEUS, E.; MILLER, I.K.de; CARDOSO, J. Teaching to Learn: Ways of experiencing the practicum, teacher education and development. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v.35, p.1 - 20, 2019.

MATEUS, E.; PICONI, L.B.; EL KADRI, M.S. Colaboração posta em circulação: etiqueta vazia em práticas discursivas educacionais?. *Signum: Estudos da Linguagem*, v.15, p.289 - 301, 2012.

MIRANDA, G.M.D.; MENDES, A.C.G.; da SILVA, A.L.A. O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências atuais e futuras. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, vol. 19, n. 3, p. 507-519, 2016.

MOREIRA, V.; NOGUEIRA, F.N.N. 2008. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicologia USP*, **19**(1): 59-79. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642008000100009&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642008000100009&script=sci_arttext) Acesso em: 12/01/2021. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642008000100009>

- MORTARA, A. et. al. (2021). *Manifesto pela Isonomia e Diversidade Pedagógica e Cultural*.
- NERI, A.L.; FREIRE, A.S. 2000. Qual a idade da velhice? In: A.L. NERI; S.A. FREIRE (orgs.). *E por falar em boa velhice*. Campinas, Papirus, p. 7-19.
- OMS. 2008. *Older People in Emergencies: considerations for action and policy development*. Disponível em: [https://www.who.int/ageing/publications/Hutton\\_report\\_small.pdf](https://www.who.int/ageing/publications/Hutton_report_small.pdf) Acesso em: 12/09/2021.
- OMS. 2015. *World Health Report on Ageing and Health*. Disponível em: [http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186463/9789240694811\\_eng.pdf;jsessionid=CC76535B4AFECF303BA08DF19ED4C0F0?sequence=1](http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186463/9789240694811_eng.pdf;jsessionid=CC76535B4AFECF303BA08DF19ED4C0F0?sequence=1). Acesso em: 15/10/2018.
- OMS. 2021. *Global report on ageism*. Executive summary. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240020504> Acesso em: 01/04/2021.
- PHELAN, J. 2018. Researching ageism through discourse. In: L. AYALON; C. TESCH-RÖMER (eds.), *Contemporary perspective on ageism*. New York, Springer, p.549-564. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-73820-8\\_31](https://doi.org/10.1007/978-3-319-73820-8_31)
- RESENDE, V.; RAMALHO, V. 2009. *Análise do discurso crítica*. São Paulo, Contexto, 158p.
- SCHNEIDER, R.H.; IRIGARAY, T.Q. 2008. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos de Psicologia*, **25**(4): 585-593. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000400013>
- ROGERS, R. 2011. *An introduction to critical discourse analysis in education*. 2a ed. New York, Routledge, 302p.
- SILVEIRA, D.F; TEIXEIRA, M.R.F. 2020. Quanto custa o livro didático: uma análise a partir do portal da transparência do FNDE / MEC. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, **6**(35), p.1-21. Disponível em: <https://rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/1713> Acesso em: 5/3/2021. <https://doi.org/10.21713/rbpg.v16i35.1713>
- ROCHA, L. 2021. Guedes reclama de aumento de expectativa de vida: “querem viver 100 anos”. *Revista Fórum*, São Paulo, 27 abril 2021. Notícias. Disponível em <https://revistaforum.com.br/politica/guedes-reclama-de-aumento-da-expectativa-de-vida-querem-viver-100-anos/> Acesso em: 27/04/2021.
- SIQUEIRA, R. de; CARDOSO, H. 2011. O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana. *Imagonautas*, **2**(1): 92-113.
- TAVARES, C.N.V.; MENEZES, S.F. (orgs.). 2020. *Envelhecimento e modos de ensino-aprendizagem*. Uberlândia, Editora da UFU, 336p.
- TEIXEIRA, S.L.M.O et al. 2015. Reflexões acerca do estigma do envelhecer na contemporaneidade. *Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento*, **20**(2): 503-515. <https://doi.org/10.22456/2316-2171.45346>

Submetido em: 21/11/2021

Aceito em: 10/05/2022